

Via Sacra, de Mestre Noza

GERALDO FERRAZ

A gravura popular do Nordeste, com todo o seu prestígio de aceitação e superestimação intelectual, acaba de fazer a sua singular e consagradora aparição em Paris, num livro editado luxuosamente: "Via Sacra - Gravada por Mestre Noza" - Brasil, 150a na tela da capa. O livro lançado em junho último tem uma "edição original" limitada a 22 exemplares em papel Chanvres, e mil exemplares em Vellin d'Arches, tiragens e papéis que lhe dão o relvoso da edição de luxo.

Mestre Noza é Inocencio da Costa Nick, gravador que emergiu do misticismo do Juazeiro do Padre Cícero.

Há três anos, em Paris, na rua Monsieur-Le-Prince, onde morava, Servulo Esmeraldo, o gravador bem conhecido aqui, falou-nos deste projeto, de uma edição para dar a conhecer a gravura nordestina. Não esperávamos, contudo, que esse sonho se realizasse em tão brilhante escala: a edição de luxo em que se imprimiram os traços da Via Sacra, os traços de um gravador popular acostumado à rudeza do papel de "Citérieux de Cordel". Ideia de Costa Nick pode achar bonito mas não compreenderá a que alturas foi levado, pela edição parisiense de seu trabalho. Os dados, mesmo, com que Servulo Esmeraldo o apresenta, já podem ser melhor conhecidos e, portanto, retificados: Mestre Noza, Inocencio da Costa Nick, nasceu em Itaquaretinga, Estado de Pernambuco, a 21 de setembro de 1897. Acabou arteiro esse filho de trabalhadores rurais, que ficou fama do padre Cícero do Juazeiro, instalou-se nessa cidade sertaneja. E foi em tal ambiente, místico, milagreiro, fanatizante, que o artista teve a sua adolescência e a sua juventude. Foi um vizinho que lhe ensinou as primeiras letras; depois, trabalhou três semanas na oficina de um escultor, José Domingos, e de 1913 a 1918, entregou-se ao ofício de funileiro. Só então, já na maioridade, ele passará à gravura.

Como tanta coisa na historia da gravura popular nordestina, ficam por explicar os motivos pelos quais Mestre Noza foi levado a dar preferência à gravura e a especializar-se. Sabese que ele teve seu primeiro trabalho de sucesso com as gravuras feitas para o "Homem do maxixe", pertencente à linha da literatura de cordel. Passara depois a fazer rotulos para marcas de aguardente, com os limitados recursos graficos que possuia; a derivação é compreensível, pois o produto da cana se vale da rotulagem e das denominações que mais diretamente firmam a atenção popular. Naturalmente, adstrito ao folclore, tinha de traçar também a sua "Vida de Lampeão", que descreveu em 21 gravuras, e levado pela voz dos santeiros, achou-se afinal no caminho da Imaginaria religiosa, em que contactaria a historia dos "Doze Apóstolos" e esta "Via Sacra", que afinal foi a consagração de sua vida, pela edição que temos em mãos.

Servulo Esmeraldo aproveitou a "Via Sacra" para pesquisar ao leitor possível destas coisas uma "Imagerie Populaire au Brésil", que não deixa de ter sua informação, como materia introdutoria, além de ter também feito uma apresentação de Mestre Noza, com sumaria biografia. As reproduções das gravuras foram contornadas com um "Recit de la Croix de Jésus-Christ", fechando o volume uma oração popular bretã do seculo XVI para ser rezada no periodo da Semana Santa. Tecnicamente, a tipografia de Marcel Lagrue, para o editor Robert Morel, compôs o texto em quadros paralelos a cada gravura, diante de cada reprodução, o que torna visível a intenção do ritmo. As reproduções por sua vez foram tiradas das próprias pranchas, e daí pequenas falhas de impressão, já mais, porém, incidindo em deformação ou nua maior no desenho, o qual, em sua primitividade de meios, nos faz lembrar a asctica severidade anonima do medieval, da pedra, se não mesmo de um estilo de Mestre Noza, para o que não estamos habilitados, dada a ausencia de qualquer confrontação, em casos de outra aplicação.

A escolha de Mestre Noza, para a aventura grafica em que se meteu o editor Robert Morel, e desta "Via Sacra", emendese, como é claro, à admiração de Servulo Esmeraldo, com seu bom gosto de artista, pelo despojamento deste elemento, despojamento indescriível, e que nos ofereceu uma das faces mais "artísticas" da gravura popular nordestina, o que decorre da ob-

servação doutros desenhos, pois é enorme o repertorio desta produção, já mais suficientemente abordada. Faltou a Gilberto Freyre a necessaria observação para complementar seus varios estudos de Nordeste, centralizado em Pernambuco, com o trabalho que pague a pena sobre esse aspecto — talvez por demais "popular", para o autor de "Casa Grande e Senzala". Porque a gravura popular nordestina se emparelha, é motivada pela literatura de cordel, tal o papel de illustração a que se ligou, desde as suas origens... Quais? Servulo Esmeraldo menciona paralela a origem "longínqua e incerta" dos incunabulos para comparar o nosso desconhecimento das fontes nordestinas da gravura, e recorda as primeiras cartas de jogar impressas em xilogravuras, "grosseiramente" executadas no Mexico, no fim do seculo XVI, da primeira noticia que se tem do caso de gravura nas Americas. Nesse seculo, um franciscano, o Irmão João Batista, já ensinava indios a gravar na madeira, na citação de Servulo, do livro "La gravure sur bois", de Paul Westheim. Mas, no Brasil, teriam outros missionarios, a exemplo daquele Irmão João Batista, incutido aos indios a gravação na emburana, tão proxima à pereira europeia, pela compacidade de sua massa?

Entre as hipóteses, devem-se encaminhar as que colocariam mestres em gravura (mesmo praticantes toscos que fossem seriam mestres porque em terra de cegos quem tem um olho é rei), das areas civilizadas europeias, nesses sentidos, para fincarem os marcos artistico-culturais, em derrogação de Portugal, França e Holanda, é uma continuidade ténue da tecnica poderá então ter florescido mais tarde, quando os folhetos da literatura de cordel exigiram a illustração. Uma illustração de belas imagens, eis a que ressurta então de lembranças atávicas, quais um olho azul ou um cabelo loiro, entre gerações adiante do caldeamento fatal.

A obra de arte que em alguns casos se fez a gravura popular nordestina e que está no fim, como há pouco era aqui mesmo interpretado, em relação à substituição da gravura pelo clichê, é uma obra de arte que cabe ser colecionada e estudada, apreciada em profundidade, por especialistas e criticos e artistas, ainda mais porque, na observação um tanto desconchavada de Servulo Esmeraldo, "ces belles images" não exerceram nenhuma influencia no interesse pela materia — a literatura de cordel — em seus consumidores. Discutindo os textos das historias melodramaticas, os leitores dos folhetos, assegura-o Esmeraldo, não mencionavam as figurinhas illustrativas. Naturalmente, achavam aquilo tudo muito feio, muito pobre, como as mulheres-modelos de Van Gogh que não queriam posar para ele porque os quadros "ficavam muito cheios de pintura"...

O problema que Mestre Noza aqui enfrenta, aproveitando-se das figuras de um catecion para preparo à primeira comunhão, a fim de resolver suas gravuras, é da ordem dos grandes temas sacros, e só uma expressão propria poderia revesti-lo, no resultado final, de algum interesse. Subitamente nos encontramos diante de uma recriação — o adulto retorna a uma sumariade infantil, para recriar com a sua ingenuidade, seu gesto direto, seu ritual, que se confunde com um jogo infantil, a legenda prestigiosa. Uma extrema economia expressiva, a sinteze mais primaria, deram estes meios de expressão original, que qualquer um pode encontrar na limpeza destas silhuetas vivendo o drama da Paixão e da Morte.

Evidencia-se, já o mencionamos, um como que retorno à Idade Média, e Mestre Noza a revive, no artesanato cheio de pureza, em que se situa no configurar os dados essenciais inerentes ao acontecimento seriado. Tem certamente, mais do que o primitivismo de hoje, um sabor antigo, essa predisposição colocada na edição parisiense, neste 1965... O relato de Mestre Noza é colocado num vocabulario de humildade e de pobreza; faz-se vivo porque suas articulações atingem uma sobriedade de feição gotica nas contensões angulosas, adstritas às essencialidades no descrever, a cruz, talvez tornada mais dura, de uma dureza do material ou seja a propria xilogravura, entre os rostos de gente, com olhos de uma expressividade comentada, em que se poderá ter a legibilidade imediata de varia sensação, a surpresa, o desprezo, o espanto, a perplexidade, a indagação — e os olhos vazios do Cristo morto.

VIA SACRA
GRAVADA
POR
MESTRE NOZA
BRASIL

Capa do livro sobre Mestre Noza, de autoria de Odete Du-carre. A capa feita em tela branca e o desenho em preto. As gravuras do livro foram feitas pela impressora de Antoine Rico, em Manosque, a edição de mil exemplares foi realizada por Marcel Lagrue, em Paris, e a capa nos ateliers Melloté, em Limoges. A edição de 22 exemplares foi feita a mão pelos Moulins Richard de Bas. Mestre Noza, cujo nome é Inocencio da Costa Nick, nasceu em Itaquaretinga, Pernambuco, a 21 de setembro de 1897, vivendo atualmente em Juazeiro, na Bahia, para onde foi com a familia com a idade de 3 anos, para lá levada pela famc do padre Cícero.

temporânea